

Paulo Alberto

J. Roberto Whitaker Penteadó

É preciso prosseguir ainda quando se saiba que os outros não estão preparados para a nossa generosidade. - Artur da Távola

Quase nos encontramos na Rádio MEC, vinte anos antes. Paulo Alberto Monteiro de Barros, estudante de direito, era o diretor do Metropolitano, jornal da União Nacional dos Estudantes – que também mantinha um programa na emissora – e eu, secundarista, dirigia O Estudante de Petrópolis. Politizados, ambos protestávamos contra o governo de JK...

Mas só nos conhecemos pessoalmente, em 1974. E foi na Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio. Paulo já era nacionalmente conhecido como Artur da Távola e fez parte do grupo que fundou a ESPM, lá, liderado por Cid Pacheco, com o apoio da ABP e da TV Globo. Ele dava aulas sobre televisão – tema que o fascinava e que rendeu alguns livros de boa qualidade, que até hoje vendem, nas livrarias. Outros professores daquela primeira turma, privilegiada, foram Otto Scherb, Marcos Margulies, Manoel Maria de Vasconcellos, Arthur Bernstein, Pio Borges e Darwin Brandão. Paulo Alberto foi o paraninfo.

Não tivemos muitos encontros, mas os que houve foram desavergonhadamente estimulantes, pelo meu lado. Uma conversa sobre o futuro do livro, no apartamento de Elza, minha parceira de vida, resultou em pesquisas, ensaios e palestras. Quando trabalhava na minha tese de doutorado, sobre a influência da literatura infantil de Monteiro Lobato sobre a nossa geração, descobri que ele encontrara tempo para fazer um discurso, no senado, em 1996, para falar aos seus sisudo pares sobre a importância da boneca Emília para o futuro do Brasil. E fez questão de ler a minha tese e opinar sobre ela, na contracapa do meu livro Os Filhos de Lobato.

Foi, contudo, na música, que viajamos juntos, durante mais tempo. Paulo sempre esteve ligado à Rádio MEC, desde a juventude e as suas diretorias – mesmo as mais burocráticas – nunca sonharam em afastá-lo. Com isso, ele sempre trouxe à música clássica um toque de informalidade e revelação que a levaram a ser compartilhada democraticamente, pelo Brasil a fora. Quando Heloisa Fischer teve de deixar a bela experiência da Rádio Opus 90, abandonada pelo grupo JB, e foi para a Rádio MEC, convidou-me para fazer uma das melhores coisas da minha vida – durante 7 anos – que foi o programa Conversa de Música e que fiz, inspirado no trabalho iniciado por Paulo Alberto, talvez levando o projeto um pouquinho mais longe, um pouquinho mais ousado e mais travesso... Como eu, P.A. não possuía conhecimentos técnicos sobre música e, um dia, explicou-me sua motivação: - JR, a música me deu tanto, que, com esses programas, o trabalho que eu faço, procuro retribuir pelo menos uma pequena parte do que recebi.

Pena que a morte - que levou este amigo precocemente, nesses tempos em que se permite às pessoas chegar ao centenário - nos impediu de recebê-lo numa Festa, em outubro deste ano, na Semana de Poesia da ESPM, onde o iríamos homenagear. Pois, na sua pluralidade generosa, ele também foi autor de bons poemas – inclusive um belo e instigante Soneto do E.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=60&ID=462>>. **Acesso em:** 24 jul. 2009.